

## Editorial

### Epistemologia pluralizada e produção do conhecimento em Psicologia

A discussão sobre as políticas de publicação científica ou, mais especificamente sobre as formas validadas de produção do conhecimento em Psicologia tomam muitos espaços públicos de discussão da área, especialmente críticos em épocas de resultados de avaliação de revistas ou programas de pós-graduação.

De acordo com Yamamoto, Tourinho, Bastos e Menandro (no prelo), a questão mais crítica reside não na necessidade de que se avalie a produção científica, mas na *forma* como ela é conduzida, pois fomenta a uma escalada artificial da produção, popularmente denominada de “produtivismo”. Os autores defendem que, com diferentes tipos de argumento e fundamentação, a crítica normalmente se refere à utilização de parâmetros basicamente quantitativos que privilegiaria o *quanto* o pesquisador publica em detrimento da *qualidade* ou o *benefício acadêmico ou social* (Bianchetti & Sguissardi, 2009).

Essa crítica ao produtivismo é um fenômeno amplo no meio científico e, transcende a psicologia ou a comunidade científica brasileira. Diferentes pesquisadores denunciam certa “crise” dos processos de avaliação dos periódicos, associada a uma distorção acerca das possibilidades reais de produção de qualidade anual *per capita*. Mas em disciplinas tão plurais como a Psicologia, onde as distintas subáreas reconhecidas (e/ou em vias de reconhecimento) possuem expectativas, formas de produção, métodos e, (ousam afirmar alguns) inclusive epistemologias distintas, essa discussão se complexifica.

Talvez a raiz dessa discussão esteja não na diversidade de formas de produção do conhecimento que coexistem na Psicologia, mas sim na diversidade “genética” da área, desde seus projetos iniciais de afirmação na comunidade científica. Segundo Abib (2009), desde sua origem historicamente reconhecida, o projeto científico da Psicologia se divide. “Pais Fundadores”, como podem ser Wundt e James apresentaram e legitimaram academicamente concepções díspares (e até antagônicas) de ciência psicológica, gerando uma multiplicidade de concepções de Psicologia no século XX. Diante da fertilidade conceitual da psicologia moderna, uma reflexão epistemológica sobre a Psicologia inevitavelmente se dirige ao gênero *epistemologia pluralizada*, ou teoria pluralizada do conhecimento, o que significa dizer que a psicologia é conhecimento plural (Abib, 2009, p. 196).

E como conciliar parâmetros gerais de qualidade e expectativas quantitativas de produção do conhecimento em um quadro como esse? De que parâmetros as revistas, editores ou avaliadores de agências de fomento podem se valer?

De acordo com Lopes (2009), todo projeto consistente de psicologia científica tem que enfrentar pelo menos duas ameaças. A primeira delas emerge quando esse projeto tenta seguir à risca os cânones do cientificismo “clássico”. Organizada pelo Positivismo e sua inspiração cartesiana, a ciência moderna fundamenta-se na dicotomia objetivo-subjetivo – com uma ênfase explícita de homogeneização do primeiro termo –, o que naturalmente deriva em uma exclusão do sujeito psicológico entendido como um conjunto de vieses subjetivos, de sua matriz de produção de conhecimento científico. Essa exclusão também acaba por negar a natureza mental do fenômeno que pretende estudar.

Assim, em seu caminho de afirmação entre as ciências do final do século XIX e primórdios do século XX, a Psicologia passou a “objetivar” os fenômenos psicológicos. De acordo com Araújo (2003), uma das maneiras mais explícitas de se fazer isso, com os métodos validados é defender certa natureza fisiológica dos fenômenos psicológicos, o que ainda é facilmente identificável em alguns projetos atuais das neurociências.

Mas qual a relação entre a essa tradição epistemológica da Psicologia com a crise atual da produção acadêmica? O problema, segundo Lopes (2009) é que, seguindo essa estratégia de

substituição do mental pelo fisiológico, a Psicologia corre o risco de perder sua especificidade. Em outras palavras, nesse ponto a psicologia científica já não se distingue mais da fisiologia. A primeira ameaça aos projetos de Psicologia científica é, portanto, o reducionismo fisiológico, que tem como resultado a conversão da psicologia em fisiologia e, sua conseqüente produção de conhecimento pautada pelos parâmetros de outras áreas, com as quais nem todos compartilham métodos e expectativas e, principalmente essa discussão sobre a natureza de seu objeto de estudo.

Já a segunda ameaça a um projeto de Psicologia científica apresentada por Lopes (2009), surge quando na tentativa de evitar o objetivismo e seu conseqüente reducionismo, postula-se a natureza subjetiva e irreduzível de todos os fenômenos psicológicos. Essa opção epistemológica, por outro lado, gera uma ampla gama de dificuldades metodológicas. Mas afinal, como se pergunta Lopes (2009), é possível estudar cientificamente algo que resiste aos métodos de observação típicos da ciência? É possível contemplar o fenômeno psicológico apenas com os projetos que defendem o método introspectivo?

Dessa forma, os projetos de psicologia científica parecem enfrentar um dilema imanente: ou se aproximam da ciência clássica e, perdem seu objeto (e sua especificidade), ou quando se aproximam do que parece ser seu objeto, acabam por abandonar o método científico tradicional. Em suma, ora é psicologia não-científica, ora é ciência não psicológica (Figueiredo, 2003).

Mesmo sem ter a pretensão de esgotar essa discussão aqui, ou de transformar o presente editorial em um tratado filosófico sobre a natureza da Psicologia, apresentam-se tais argumentos na tentativa de gerar uma reflexão sobre a complexidade de se gerir a produção do conhecimento em uma área de tamanha diversidade. Compartilhar com o leitor alguns dos dilemas e discussões geradas, por exemplo, pelos corpos editoriais dos periódicos é uma tentativa de evidenciar a constante busca de parâmetros de qualidade para a definição das prioridades editoriais e formas de avaliação dos manuscritos.

Nesse processo, talvez um dos poucos argumentos minimamente consensuais seja a adoção de avaliadores diversificados de acordo com a natureza do produto analisado. Ou seja, que o conhecimento de cada área ou subárea da Psicologia possa ser avaliado criticamente por seus pares, ou seja, por pesquisadores que compartilham com o autor não apenas um interesse, ou objeto de estudo, mas uma construção epistemológica.

Espera-se que essa diversidade seja apreensível no número que ora apresenta-se na *PSICO*. Espera-se que se haja podido organizar um número de qualidade, com autores, avaliadores e, especialmente, com conhecimento relevante em cada uma das tradições ou projetos de Psicologia científica aqui defendida.

Essa defesa só é possível, de acordo com Ibáñez (2009) quando existe uma intervenção ativa da imaginação na atividade investigadora. Sendo assim, que a leitura desse número sirva, ao menos, para imaginar-se uma Psicologia que, enquanto ciência consiga se valer da discussão sobre a qualidade de sua produção, sem com isso acabar engessada por seus próprios parâmetros nem pautada pelos parâmetros de outras disciplinas.

Uma boa leitura!

Adolfo Pizzinato

Editor Associado

## REFERÊNCIAS

- Abib, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, 7(2), 195-208.
- Araújo, S. F. (2003). *Psicologia e neurociência: uma avaliação da perspectiva materialista dos fenômenos mentais*. Juiz de Fora: Editora da UFJF.
- Bianchetti, L. & Sguissardi, V. (2009). *Dilemas da pós-graduação*. Campinas: Autores Associados.
- Figueiredo, L. C. M. (2003). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.
- Ibáñez, T. (2009). Elogio de la imaginación. *Quaderns de Psicologia*, 11(1/2), 39-49.
- Lopes, C. E. (2009). O projeto de psicologia científica de Edward Tolman. *Scientiae Studia*, 7(2), 237-250.
- Yamamoto, O., Tourinho, E., Bastos, A. V. B. & Menandro, P. (no prelo), Produção científica e “produtivismo”: há alguma luz no final do túnel? *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 18.